

Anton Pannekoek: A Redefinição do Marxismo*

Cajo Brendel

Existem poucos teóricos socialistas cujo trabalho publicado tenha sido tão fortemente influenciado pelas mudanças que ocorreram no seio do movimento operário e pela luta de classes, como Anton Pannekoek. Efetivamente, isto é mais facilmente compreendido quando se diz que na época de Anton Pannekoek tanto a situação como a práxis da classe trabalhadora se viram submetidas a mudanças surpreendentes. Contudo, há algo mais que é preciso saber: antes mesmo de se unir ao socialismo, trabalhava como astrônomo e cientista da natureza – quer dizer, como alguém, por assim dizer, profissionalmente interessado na causalidade dos fatos – no sentido do marxismo. Durante sua vida se afastou da ideia de existência de leis sociais que regiam a vida social. Isto significava para ele o reconhecimento das forças reais que dominam a história dividida em classes, se bem que estas forças para ele nunca permaneceram reduzidas a simples fórmulas, concebidas como algo absoluto e imutável. Seu método de trabalho como cientista natural não seria nada comparado a um modelo, aplicado mecanicamente a tudo, não se trata de uma receita.

Já em um de seus primeiros escritos relata a experiência que, como Marx e Engels, o levou a conceber a sua noção da história. Pannekoek disse que as “leis” da natureza ou da sociedade não devem ser entendidas como leis absolutas, como regras, como mandatos irremovíveis, que vieram a influenciar a realidade de uma maneira determinante.

Assim escreve:

Toda ciência, em sua qualidade de pura ciência do espírito, é sistematizadora e ordenadora; busca a regularidade, a generalidade concreta. O mundo das aparências é infinitamente plural e mutável: sempre novo, sempre distinto... O espírito busca o geral, o comum a todas as modalidades

* Tradução de Edmilson Marques.

do aparente, formando a partir daí conceitos, regras, causas, leis... A pergunta se realmente existe uma lei na natureza, deve ser respondida com um sim e com um não. Com um sim, na medida em que o geral, o comum, está contido em cada caso específico; com um não, na medida em que só o concreto, o específico, é uma realidade, sendo a lei, portanto, somente uma abstração em nossa cabeça. Qualquer regra, qualquer lei, apesar de seu caráter absoluto, não pode ir além do que fornecem os materiais concretos, a partir dos quais essas regras ou leis são formadas. Elas são a generalidade destes fatos, e se surgem novos fatos, então a lei pode ser complementada ou alterada. Deste modo, e de uma forma incessante, as leis da natureza são remodeladas, ou reformuladas, sempre que ocorrem novas experiências ou mais avançadas ou se chega a alguns graus maiores de abstração¹.

Esta necessidade científica de configuração contínua das leis da natureza também pode ser aplicada, até certo ponto, às leis que regem a evolução da sociedade².

Comunismo de conselhos e bolchevismo

Em 1921, a socialista holandesa Henriette Roland-Holst³ criticou Pannekoek por ele ter mudado sua posição sobre a Rússia em relação ao que havia escrito anteriormente. Pannekoek respondeu:

Esta é uma crítica que me faz reconhecer que os pensamentos não param enquanto o mundo continua a mudar. As ideias, condicionadas pelas circunstâncias em constante mudança, também deve mudar igualmente e estar de acordo com o mundo real. Isto significa, portanto, que nós devemos repensar, reaprender, libertar-nos de tudo o que temos pensado até agora. O que há de errado nisso? Não é nossa culpa que o mundo mude tão rapidamente. Em uma época de revolução não deve criticar que a realidade tenha mudado, e que, portanto, tenha mudado a nossa maneira de pensar sobre ela. Pelo contrário, o que teríamos, talvez, que criticar seria o fato de não dar-nos conta disso, de não o querer reconhecer por preguiça de espírito ou por estar presos a ideias envelhecidas⁴.

Este problema caracteriza precisamente a separação teórica do comunismo de conselhos e o bolchevismo. Como Rosa Luxemburgo (com a qual compartilha sua concepção histórico-materialista), Pannekoek manteve desde o princípio uma postura crítica a respeito da revolução russa. Começou por declarar guerra aos semideuses burgueses-revolucionários do Kremlin, demonstrando que seus métodos não tinham nada a ver com o marxismo revolucionário, nem com a práxis da luta de classes dos trabalhadores da Europa ocidental, e que ainda estavam em contradição com tudo aquilo.

¹ Anton Pannekoek: *Dos investigadores de la naturaleza en la lucha social*, en *De Nieuwe Tijd*, 1917, pp. 382-383.

² Isto será visto mais claramente na discussão que se segue.

³ H. Roland-Holst: *El Partido revolucionario*. Kollektiv Verlag, Berlin, 1972.

⁴ Anton Pannekoek: *Rusia y el comunismo*. En *Die Nieuwe Tijd*, 1921, pp. 640-641.

Pannekoek caracterizou a tática bolchevique como “oportunismo comunista”, pelo fato de que este oportunismo da III Internacional era algo tomado das formas de luta e dos métodos da II Internacional. Justamente, as experiências da luta de classes demonstravam que tanto o parlamentarismo como as organizações sindicais haviam de ser consideradas historicamente como formas dominadas pelo capitalismo. Ambas as formas – parlamentarismo e organizações sindicais – somente teriam para ele um caráter socialdemocrata, e portavam os estigmas de um movimento reformista de caráter radical-burguês. Para ele estava claro que, em sua evolução social, os movimentos reformistas socialdemocratas haviam sacrificado sua intenção original, e que as novas e militantes organizações dos trabalhadores – por exemplo, os conselhos e os comitês de greve autônomos -, independentes das formas social-democratas existentes, haviam de lutar de uma forma totalmente diferente do modo em que lutava a burocracia sindical integrada na sociedade burguesa.

Revoluções no estado futuro

A realidade social, a evolução social da luta de classes, obriga Pannekoek a rever suas próprias teorias. Ele escreve:

O socialismo não é simplesmente uma lição, um manual ou uma série de teses, que, uma vez aprendidas, pode-se dizer: Agora eu sei, isso já é suficiente! O socialismo é uma aprendizagem contínua, ampliação das próprias opiniões; a aprendizagem não cessa jamais. O conhecimento socialista nunca é completo, não é uma coisa acabada; pelo contrário, o socialismo é uma evolução inacabada, um processo progressivo⁵.

Pannekoek foi fiel a esta ideia, e sua crítica a Roland-Holst demonstra isso, por rever não só a questão sindical e o parlamentarismo, mas também a política socialista, examinando a política em geral, contra as teses que ele mesmo defendeu ao longo de sua juventude.

Dois artigos, publicados precisamente neste volume, mostram inequivocamente que Pannekoek, em sua qualidade de um dos teóricos mais celebrados da Internacional Socialdemocrata, não pôde de início realizar totalmente esta crítica. Assim, em seu artigo escrito no começo do século, intitulado “*Revoluções no Estado futuro*” [1907], parte da convicção socialdemocrata de que é preciso romper o poder da classe burguesa,

⁵ Anton Pannekoek, *Socialismo Primitivo*. En De Nieuwe Tijd, 1908, pág. 375.

a fim de que a própria classe trabalhadora possa exercer o poder estatal, que necessitaria disso. Além do mais, disse que é preciso que a nova *forma de Estado* tome em suas mãos a nova ordem revolucionária da produção social. Isto está, naturalmente, muito distante do que viria a afirmar mais tarde com o passar do tempo⁶.

Em seu trabalho intitulado “*Ética e Socialismo*” [1906] ainda não compreende o socialismo, de uma maneira consistente, como o resultado da luta travada pelos próprios trabalhadores. Pannekoek define o socialismo como “o instrumento que proporciona ao trabalhador as armas espirituais”.

Ética e Socialismo

Em minha opinião, em “*Ética e socialismo*” Pannekoek avalia equivocadamente os motivos que movem a luta do trabalhador. Recorda à burguesia holandesa, que não pôde compreender no ano de 1903 a solidariedade de classe dos trabalhadores ferroviários com os trabalhadores do transporte. Naturalmente, é correta a sua opinião de que dominantes e dominados julgam suas ações de maneira completamente distinta, mas o exemplo que apresenta para justificá-lo não é inteiramente correto. Pois a recusa dos trabalhadores ferroviários em transportar bens se deveu a uma luta que dominava sua situação social. O não considerar este lado da luta não se pode compreender senão a partir da mentalidade social-democrata, na qual Pannekoek estava preso naquele momento. Assim, no mesmo escrito, encontra novamente outra coisa parecida. Fala de que os trabalhadores não têm “por meta” a transformação da sociedade, pois esta se transforma independentemente dos trabalhadores. Se se parte desta convicção, não pode naturalmente se falar de proletariado “socialista” (o que na verdade faz no referido escrito). Se o proletariado luta contra a ordem social dominante, não o faz porque deseja uma “ordem social melhor” (como afirmam os ideólogos políticos). A luta contra o capital não tem suas

⁶ Pannekoek, em confronto com o escrito de Lênin, “*O Estado e a Revolução*”, na qual afirmava que o Estado burguês destruído havia de ser substituído por um “*Estado proletário*”, considerava – e isso em contraste com suas reflexões em “*Revoluções no Estado futuro*” – no sentido de que as afirmações de Lênin só eram inteligíveis a partir das contradições internas da revolução russa, mas que elas não tinham nada a ver com a concepção marxista.

origens na luta do proletariado a partir de razões ideais, mas está fundada em suas necessidades materiais. Ainda que não se aperceba diretamente interesses materiais concretos, não havia de buscar motivos deletérios, senão na situação prática concreta. O sentimento de justiça, as razões éticas e morais que os levam a agir, são, segundo Pannekoek, exclusivamente sociais.

Todo aquele que se ocupe com os mencionados problemas de ética e socialismo em Pannekoek, comprovará com surpresa que estes temas são hoje tão atuais como antes. Para citar apenas alguns exemplos: os mineiros belgas bloquearam durante suas greves as estradas, os centros de comunicação, impedindo o trânsito de mercadorias e pessoas; em 1901, os mineiros ingleses se negaram a ir às minas, e a fazer horas extras em 1903/04. Para julgar tais ações como “corretas” ou “falsas”, é preciso partir de motivos éticos como “bom” ou “mal”, tendo também em conta que tais conceitos são relativos, condicionados pela situação de classe, a idade e as crenças morais. O que aos trabalhadores lhes parece permitido, a seus inimigos de classe lhes parece imoral, reprovável e ilegal.

O problema da relação entre ética e socialismo atravessa mais ou menos todos os escritos de Pannekoek. Para ele, como teórico socialista⁷, se trata de:

- Desenvolver os *métodos*⁸ que não vão da ideia à realidade, mas, inversamente, da realidade à teoria;
- Estudar as leis sociais (ressaltando o geral, o essencial), que não tem de ser forçadamente aplicáveis em todo momento, mas que são relativas.

⁷ Para compreender a importância do fator moral em Pannekoek, é importante estudar o pensamento de Josef Dietzgen.

⁸ Para Pannekoek, o essencial é o método, e não esta ou aquela afirmação de Marx; no método Pannekoek viu a arma mais poderosa na luta social espiritual. A “concepção materialista da história – escreve – não é nem um sistema definido, nem uma teoria definida; é um método de análise, cujas causas e efeitos podem ser investigados em todos os acontecimentos, e que permite explicações suficientes para os eventos sociais que se seguem um após o outro” (*Kant e o Marxismo*, De Nieuwe Tijd, 1901, p. 613). O que se pode conseguir com semelhante método é descrito pelo jovem Pannekoek como é possível entender “uma ordem de aparições populares e equivocadas, que é apresentada, enganosamente, como fenômenos completamente distintos, como sendo, ao contrário, uma forma derivada de uma e mesma coisa. Este é o caso, por exemplo, das formações eclesiais do século 16 e a grande revolução francesa de 1789, que, à primeira vista, aparecem como sendo fenômenos completamente diferentes. A partir desse método, é possível compreender que não algo essencialmente idêntico, mas que podem ser consideradas como a conquista do poder social pela classe burguesa, sob forma diferenciada, porém de forma essencialmente idêntica” (p. 614).

A contemporaneidade dialética do geral e o particular faz parecer muito atuais as reflexões de Pannekoek, apesar do fato que, naturalmente, como um homem de sua época, não poderia prescindir. Na medida em que considerava suas próprias reflexões não como inalteráveis, mas como algo em contínua evolução, suas análises vão além dos problemas relativos à sua época.

O trabalhador luta por si mesmo

No início do século 20, Pannekoek se dá conta de que estava em uma encruzilhada histórica. O proletariado já não era inimigo de certas formas do modo de produção capitalista, mas do capitalismo em geral. Pannekoek viu chegar a época histórica em que a própria classe operária assumiria seu papel histórico, ao invés de se colocar novamente a serviço de seus representantes tradicionais, políticos e sindicais⁹.

Naturalmente, e com este critério, se colocou imediatamente contrário aos bolcheviques, que não valorizavam a capacidade de iniciativa das massas, mas a disciplina do partido e a obediência a todo custo. Somente com informações distorcidas pode compreender-se que Pannekoek lutou em favor dos bolcheviques russos contra a carnificina social-imperialista dos povos e contra o social-chauvinismo da II Internacional. Quando compreendeu com clareza a verdadeira situação, começou sua resistência. Um motivo suficiente para esta compreensão foi o escrito de Lênin, dirigido contra Pannekoek e outros, intitulado “*O Esquerdismo, Doença infantil do comunismo*”¹⁰.

Ruptura com o “comunismo” oficial

Após a sua ruptura com o “comunismo” oficial, começa o período teórico mais importante de Pannekoek. Nesta época, não só escreve um extenso estudo sobre os conselhos operários, como publica uma pesquisa sobre “*A Origem do homem*” [1947] –

⁹ A greve de trabalhadores portuários de Hamburgo, Bremem, Kiel (1910-1913), as lutas dos mineiros ingleses e belgas, a greve dos motoristas do transporte na Holanda, contribuíram essencialmente para que Pannekoek desenvolvesse uma concepção completamente nova da luta de classes – assim, por exemplo, alguns anos mais tarde falaria do “socialismo dos trabalhadores”, em contraposição ao “socialismo das organizações tradicionais”).

¹⁰ A crítica de Lênin também se dirigia contra Hermann Gorter e aqueles que haviam fundado na Alemanha o independente Partido Operário Comunista da Alemanha [KAPD], e que foram excluídos da III Internacional. No Terceiro Congresso da Internacional Comunista em 1921, ocorreu em Moscou a separação definitiva.

relacionado com o problema que havia esboçado em seu folheto “*Darwinismo e marxismo*” [1909], mas que também rompe, claramente, com o mito bolchevique na sua obra “*Lênin filósofo*” [1938]. A ocasião para este escrito foi o trabalho publicado por Lênin, em inglês e em alemão, intitulado “*Materialismo e empiriocriticismo*”. Se se houvesse conhecido antes este último escrito – escreve Pannekoek -, desde então já poderia ter considerado de uma perspectiva crítica tanto o bolchevismo como a revolução russa.

Quando Pannekoek, em seu trabalho intitulado “*Revolução mundial e tática comunista*” (aproximadamente de 1920/21), criticou o oportunismo bolchevique, estava mais ou menos claro para ele que a revolução russa acabaria no capitalismo de Estado. Aos mesmos bolcheviques os considerava ainda como vítimas involuntárias e trágicas desta inevitável evolução. Comparou sua situação com a analisada por Engels em seu estudo intitulado “*A Guerra campesina na Alemanha*”; ou seja, a situação de um Partido que toma o poder em uma época determinada, na qual as condições sociais ainda não estavam maduras para o poder da classe que este partido representava. Em seu escrito “*Lênin filósofo*” Pannekoek revê suas concepções e ideias anteriores. Afirma que a concepção filosófica de Lênin não tem basicamente nada em comum com o materialismo histórico de Marx e Engels, mas que tem sim tudo a ver com o materialismo burguês do século 18.

No início do século 20, segundo Pannekoek, eram dominantes na Rússia atrasada as mesmas relações sociais que no início da grande revolução burguesa na França. No enorme país agrário, o modo de produção capitalista não é o predominante. O Czar e a Igreja detinham o poder econômico e social. Em luta contra ambos, o materialismo científico se coloca como a arma mais segura. A tarefa da revolução imediata é acabar com a situação feudal, abrir-se à moderna evolução industrial, sobre a base do trabalho assalariado. Dito de outra forma: a grande revolução Russa do século 20 é uma revolução burguesa. Mas a revolução não seria levada adiante pela classe burguesa, cujos interesses estavam intimamente unidos ao czarismo. O papel histórico da burguesia seria assumido na Rússia pelo partido leninista, que aparentemente está

representando o proletariado. Isto imprime seu caráter tanto ao Partido como à Revolução.

Segundo Pannekoek, por isto não altera o caráter social da revolução. Os bolcheviques, ao invés de serem as vítimas da evolução social na Rússia, são na realidade seus agentes e daí deriva tudo o que faz o bolchevismo ser como é: o emergente inimigo e rival da luta de classe operária e um empecilho no caminho da libertação dos trabalhadores na Europa Ocidental e nos EUA. Vinte anos depois que Pannekoek realizou estas reflexões, os tanques esmagaram as revoltas na Alemanha Oriental (1953), Hungria (1956) e Polônia (1970).

Partido e classe operária

Em seu livro sobre os conselhos operários, Pannekoek responde à questão de como se deve entender a revolução proletária. No artigo “*Partido e classe operária*” [1936] apresenta a seguinte definição: “a revolução proletária é um processo histórico, cujo caráter específico constitui a evolução da auto-organização da classe operária em luta”. A importância desta auto-organização na forma de conselhos operários, surgiu a partir das mesmas lutas de classes (ou, em seu estado embrionário, como comitês de greve autônomos) é expressamente evidenciada por ele.

O capitalismo como sistema econômico-político não é abolido com a supressão dos capitalistas privados mantendo o Estado como dirigente da produção; o trabalho assalariado e a produção da mais-valor, ou seja, a dependência e a exploração da classe operária. O socialismo significa a autogestão dos operários nas fábricas (o que, naturalmente, não tem que confundir com a “autogestão” iugoslava). Além do mais, acrescenta Pannekoek, a caracterização do socialismo não deve ser entendida como uma exigência, mas que, por assim dizer, é a descrição teórica do que pode caracterizar-se como visível.

“A libertação dos trabalhadores só pode ser obra dos próprios trabalhadores”. Esta frase de Marx, será, naturalmente, aceita por Pannekoek de uma forma total e absoluta. Mas apenas no início do século 20 essas lutas adquirem formas tais que fazem jus a frase em toda a sua magnitude. Certamente, houve rebeliões de tecelões na Silésia, e uma revolta em Lyon no ano de 1831, mas semelhantes revoluções do proletariado,

eram expressão do desespero proletário e, em geral, não eram características das lutas da época. Só mais tarde se caracterizaram as lutas pelo fato de que os próprios trabalhadores formaram comitês de luta e assumiram a responsabilidade por si mesmos. A isso se refere Pannekoek, entre outras obras, no conteúdo do artigo “Sobre os conselhos operários”.

Caráter das lutas de classes

Pannekoek derivava das lutas de classes existentes em sua época o caráter das lutas futuras. Este método lhe permitia seguir o caminho para as características gerais presentes na pluralidade das formas de luta e de suas diferentes intenções. Em consequência disso, defenderia que os distintos conselhos operários espontaneamente formados eram semelhantes entre si. Ele pode, assim, ter outra visão sobre as questões fundamentais do socialismo e do poder operário.

Pannekoek proporcionou, com todo o seu trabalho científico-social, uma teoria que não pretendia ser uma “doutrina” e sim um meio para o novo movimento operário, capaz de delinear os contornos das futuras organizações de luta. Naturalmente, a teoria não pode abrir nenhum caminho, mas pode pelo menos dizer que caminho poderia se seguir e por quê. Justamente aqui está a importância de Anton Pannekoek como teórico socialista.